

GT74: Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

João Batista J Felix, Carlos Benedito R da Silva

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois é cada vez maior as expressões artísticas que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, passaram a serem compreendidas como formas de se expor posições políticas e construções de identidade étnicas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com a instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir assumir posturas políticas e se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Classificando o lugar do outro: entre falsos e verdadeiros no Heavy Metal

Autoria: Muryel Moura dos Santos

Ao longo de nossa pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais, observamos a prática social dos indivíduos que se identificam com a música do Heavy Metal, mais especificamente, no lócus de pesquisa da cidade de Campina Grande-PB. Ao atentarmos a prática de jovens e adultos (na condição de músicos ou audiência), destacamos as performances em palco realizadas pelos músicos como dramas sociais vividos por esses indivíduos na cidade contra o conservadorismo. Historicamente, o estilo musical do Heavy Metal surge no pós-guerra, em meados dos anos 1980, momento pelo qual muitos artistas criticaram o status quo e suas instituições. Os artistas dessa música estavam inspirados nas reminiscências do punk para desferir agulhadas no establishment, por meio de seus discursos, estéticas e comportamento em palco, algo que se ampliou e tornou-se possível de observar isso sendo praticado por aqueles que se identificam com a música ainda na contemporaneidade, ainda mais com aqueles que desejam integrar sem envolvimento com a causa do Metal. Aqui, atentaremos de que maneira a sociabilidade ocorre, traçando uma linha de análise que contempla o jogo de categorias do grupo (como poser: destinada aquele que falseia ser do grupo e truer: aquele que superenfaz sua adesão) para mensurar o pertencimento dos membros ao grupo. A partir desses enunciados percebemos que há disputas morais em jogo, conotando apreço e despreço em suas relações sociais. Assim, pretendemos apresentar de que maneira os jovens e adultos adeptos dessa música nos eventos e fora desses espaços agenciam as referidas categorias de exclusão e pertencimento nas interações e analisaremos quais são os custos disso às imagens dos membros envolvidos. A metodologia utilizada para apresentar esses dados advém de um trabalho de campo nosso iniciado em 2015, por meio da observação participante em shows e no cotidiano (inclui-se também aqui as redes sociais), o que nos possibilitará apresentar e discutir esse mundo artístico e social.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

